

LUIS ROSA

Entrevistado por Maria Augusta Silva

DEZEMBRO 2004



Um romance que faz sentir como a tragédia de Lisboa, em 1755, se projetou nos grandes homens da cultura universal, entre eles Voltaire. Esta obra de Luís Rosa assinala os 250 anos da catástrofe.

Sabe ler no tempo?

O mais difícil é ler no tempo o sentido da evolução do próprio tempo. Mas uma das coisas mais importantes é tentar ler no tempo o sentido da construção do futuro.

Ao publicar agora o romance *O Terramoto de Lisboa - e a Invenção do Mundo*, num momento em que se assinalam os 250 anos da tragédia de 1755, deseja motivar uma reflexão?

Apesar da fundamentação histórica, não existe na minha escrita uma atitude descritiva ou recriada do passado. Há uma reflexão que nos faz pensar toda a história em função do futuro que desejamos realizar. E não podemos esquecer-nos que o terramoto gerou um novo pensamento em todo o mundo.

Dos nomes da reconstrução de Lisboa os mais sonantes são os de marquês de Pombal e Manuel da Maia. Do seu romance, porém, sobressai o do arquiteto Eugénio dos Santos. Uma achega à arte da ficção ou justiça?

O marquês de Pombal funcionou com uma grande equipa. Manuel da Maia contava 80 anos, era o homem que levava as coisas a despacho. Eugénio dos Santos tinha 45, havia entre ambos uma relação de mestre e discípulo, mas foi Eugénio dos Santos o grande planificador da cidade em toda a sua complexidade e em termos muito avançados para a época.

Uma equipa que teve sempre em conta a relação de Lisboa com o rio? O arco da Rua Augusta é uma janela...

Há ideias que nos parecem agora comuns, contudo foram avançadas para aquele tempo. A planificação do Terreiro do Paço chegou a ser criticada por outros arquitetos. Eugénio dos Santos teve, no entanto, a noção do que era uma cidade de descobertas e de encontro. É uma época de plenitude na relação de Lisboa com o mundo.

Não será por acaso que o Terreiro do Paço se chama também Praça do Comércio. Seria possível a reconstrução de Lisboa sem, por exemplo, os dinheiros que vinham do Brasil?

Acho que sim. A Baixa é reconstruída numa sequência de anos. Em pleno século XIX ainda tinha-mos vestígios de Lisboa destruída. Há um fator tanto ou mais importante do que o económico e de investimento: a capacidade de liderança e

de organização. Marquês de Pombal foi notável no que se refere à capacidade resolutiva.

Sentiria a mesma paixão pelo marquês se a sua cabeça pertencesse aos Távoras ou aos jesuítas?

Tenho uma posição isenta. Camilo Castelo-Branco escreveu um livro em que se mostra um crítico feroz de marquês do Pombal. Em contraponto ao de Camilo, há o livro do senhor Smith, secretário do duque de Saldanha. São pontos de vista extremos. Não sou nem pelo ódio de Camilo nem pelos louvores acentuados de Smith.

O marquês de Pombal sabia jogar com o poder...

Há nele aquilo que designo pelo aspeto criativo e o aspeto malvado deste homem. O político hábil, o homem que sabia concentrar em si o poder real, embora dando a imagem de que o poder estava noutro. E criava uma trama de poder com os seus familiares, que eram presidentes das câmaras de Lisboa e do Porto; eram o governador de Maranhão e o prior de Santa Maria de Alcobaça. Geria tudo isso num jogo de interesses como os que existem no século XXI: os interesses económicos.

Nada de novo na humanidade?

Estas situações repetem-se e de uma maneira mais sofisticada. No século XVIII havia um modo artiloso, manhoso. As coisas agora fazem-se com *lobbies* .

Em termos de planificação, o que separa e o que une a Lisboa do século XVIII e a do século XXI?

As coisas crescem desordenadamente. Depois apelamos todos para a planificação, que surgirá como um remendo na desordem. É hoje um dado adquirido que a cidade deve ser planificada em função das pessoas.

Lisboa tornou-se das câmaras mais difíceis do País?

Deve ser hoje a cidade com mais erros de estruturação de todo o País. Está de tal modo que as pessoas perderam, inclusive, a capacidade de usufruir o gozo

cultural da cidade.

Foram as pessoas que viraram as costas à cidade ou a cidade virou as costas às pessoas?

O esvaziamento das cidades e o crescimento da periferia são um fenómeno que se verificou em toda a Europa. Mas está a dar-se uma reflexão no sentido de se recuperar a urbe antiga. Temos avenidas em Lisboa em que 50 por cento das casas estão inabitadas. É necessário um grande esforço de legislação, de meios, de incentivação.

Que mais desejaria para a cidade com que se encontra todos os dias?

A cidade precisa de uma revolução. Precisa de uma unificação, não numa pessoa, mas em qualquer coisa com capacidade gestora.

Os grandes públicos deixaram de ter espaços na cidade?

Não se verifica o entrosamento população-criação. Está a fazer-se com que o povo usufrua de pacotes de mera diversão e não de aspetos fundamentais da cultura. Não é um fenómeno só português. Os meios de comunicação social, em particular os que têm uma força tremenda como a televisão, ocupam-se com questões de uma pobreza cultural confrangedora.

Como daria a volta a essa situação?

Os meios de comunicação deviam estar mais chegados às pessoas. Houve uma evolução no ensino e no pensamento. Os criativos são muitos. Temos de ir ao encontro desses criativos e trazê-los para realizações culturais que não se destinem apenas a meia dúzia - e sempre os mesmos subsidiados ou sob outra forma encostados aos que gerem os dinheiros da cultura.

Que dados lhe permitem crer que temos muitos criativos?

Por exemplo, a escrita. Devemos ter, atualmente, a maior produção literária de toda a história do País. Basta ver o que acontece no Grande Prémio do Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores. Entram a concurso cerca de nove dezenas de romances publicados por ano.

Na parte final, o seu livro inclui uma *Carta a Um Outro Deus*. Embora ficcionada, não deixa de ser o dilema do próprio arquiteto Eugénio dos Santos, que no projeto de reconstrução de Lisboa minimizou a recuperação das igrejas...

Também nos aspetos do património cultural, o terramoto foi uma catástrofe. O projeto de Eugénio dos Santos é extremamente racional e racionalizante. Não deixou, porém, de classificar sete igrejas como "igrejas-salão", reconhecendo o sentido comunitário das igrejas. Mas a *Carta a Um Outro Deus* tem que ver com a luta entre um velho pensamento e um novo pensamento.

Qual o papel do homem entre a tecnologia e o humanismo?

Não temos outro caminho senão procurar ir cada vez mais ao encontro de nós próprios dentro de uma posição de humanidade. Numa sociedade cuja evolução, em termos tecnológicos, tem 120 anos, caberá perguntarmo-nos o que será a humanidade daqui a outros 120 ou daqui a 300? Se calhar teremos um tipo de evolução que nos levará mais e mais à descoberta do que possa existir para além da racionalidade.

Essa descoberta acontecerá?

Se não acontecer, então vivemos no absurdo, pacificando-nos a nós próprios e sossegando-nos dentro desse absurdo.

Se ouvir a palavra sismo, estremece?

Quando as situações se agigantam, sejam de dor pessoal, de guerra, de catástrofe, vou buscar forças não sei onde para ter serenidade que me ajude a enfrentá-las e a reagir.

Há uma ordem pura na Natureza?

Não acredito numa ordem pura. Há uma evolução. E existe qualquer coisa que nos aflige e nos leva a múltiplas interrogações, que são de todos os tempos. Santo Agostinho, ele próprio grande filósofo, dizia: *No que se refere à crença, se houver cem razões, eu tenho 50 para crer e outras 50 para não crer*. E

acrescentava: *Na dúvida prefiro acreditar.*

O terramoto de 1755 acabou por ser fundador de uma nova mentalidade em Portugal?

De uma tremenda mudança. A sociedade de 1750 (ano em que o marquês começa a governar) e a sociedade de 1777 (quando o marquês sai de cena) são completamente diferentes. O terramoto, sendo uma tragédia física, representou, ao mesmo tempo, uma transformação tal de pensamento que, a meu ver, levou ao que depois foi a Revolução Francesa.

Daí o subtítulo do seu novo livro - *Invenção do Mundo*?

Há uma origem do homem novo situada na oposição entre a velha mentalidade dominada pelos aspetos da religiosidade tradicional e uma nova mentalidade. Basta ver o que aconteceu em determinados pensadores como Voltaire. O poema que Voltaire escreveu e intitulou *Ao Desastre de Lisboa* é talvez um poema-resumo de todas as interrogações do próprio Voltaire.

É quando se dá, ainda, em Portugal uma importante reforma do ensino e as ciências conhecem um impulso. Criaram-se os grandes jardins botânicos...

É toda uma evolução, nomeadamente na Universidade de Coimbra, no sentido de um pensamento novo, uma investigação nova, uma nova forma de encarar o homem e a natureza. Uma das lutas do marquês de Pombal relativamente aos jesuítas, que centralizavam uma grande parte do ensino, é a da abertura desse ensino às ciências naturais.

Embora os grandes medos quanto ao sobreaquecimento da Terra já existam há muito, agravados no século XX com os "infernos nucleares", as pessoas estão atualmente mais sensíveis às que se prendem com os eco sistemas?

O homem só reage na emergência das coisas. Todos sabemos dos malefícios de determinadas tecnologias (o efeito de estufa é um deles). Os problemas são debatidos a nível internacional, mas não se tomam medidas. No dia em que haja

a evidência da relação causa-efeito, se calhar sem remédio nessa ocasião, então o homem reagirá.

É complicado, esteticamente, meter a história num romance?

Num romance histórico devem saber conjugar-se três grandes dimensões: fidelidade histórica, estética ficcional e literária e a reflexão sobre a época, bem como a sua projeção nos dias de hoje.

Sente-se hoje um invulgar interesse pelos romances históricos. Andará o homem à procura de si mesmo?

O homem projeta no passado a complexidade da sociedade moderna. Procuramos na história a invenção de nós próprios. O romance histórico é a forma mais atual de fazer história.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*